

humanitas

Vol. VII–VIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. IV E V DA NOVA SÉRIE
(VOLS. VII E VIII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLV-VI

criação dum ambiente de cultura clássica ou, quando menos, na criação das *possibilidades* ... em que insistimos.

A obra, que é prefaciada pelo prof. Ettore Paratore que dirige a colecção *Studi e Saggi* em que a mesma se integra (é o 3.º vol. da série), divide-se em quatro desenvolvidos capítulos, três apêndices, uma breve *addenda* e três índices, dois dos quais muito minuciosos.

No capítulo I (pág. 7-44) toma o A. como base das suas indagações um passo da *Epistula II ad Caesarem* atribuída a Sálústio; no cap. II (pág. 45-73) fa7-se, além de mais, confronto entre o mesmo passo de Sálústio e algumas frases de Cícero; nos cap. III e IV (pág. 75-113 e 115-153) os pontos de partida da discussão estão na *Eneida*, IV, vv. 1-13 e VI, v. 896. Em cada um dos capítulos procura o A. (pondo por obra uma soma de recursos, íamos a dizer, inimaginável para nós), aprofundar os matizes semânticos das palavras ocorrentes nos passos estudados.

Ao terminar (pág. 153), resume as conclusões que alcançou e que registamos aqui: «fica finalmente estabelecido: 1) o feminino *insomnia* ‘insónia’ é vocábulo da época arcaica, usado por Plauto, Cecilio, Pacúvio e Énio e encontra-se em escritores arcaizantes tardios, como Aulo Gélio e Amiano Marcelino; 2) o neutro *insomnium* ‘insónia’ teve maior fortuna, pois vem da época de Cícero e de Propércio até Beda, e parece encontrar-se já em Terêncio, *Eun*, II, 1, 13 (219); 3) o neutro *insomnium* ‘sonho, visão no sonho ou no sono’ foi menos vivedouro, mas aparece já em Salústio, *Epist.* II, 12, 6, em Vergílio e mais tarde em Arnóbio e Claudiano».

FRANÇO

J. B. Evenhuis, De Vergilii Ecloga Sexta Commentatio. Universitas Groningana, 1955. 66 pp.

São os vários capítulos desta obra dedicados ao esclarecimento dos problemas suscitados pela 6.ª Bucólica de Virgílio. Acidentalmente são discutidas pelo A. outras questões que mais ou menos directamente se relacionam com o escopo deste trabalho, valorizado por notas com óptimas referências bibliográficas.

Traço curioso a notar, a expressão graciosa que aligeira por vezes o árduo trabalho de investigação e crítica. De louvar, o são discernimento e o bom senso inalterável que Evenhuis evidencia ao longo da sua obra, cujas conclusões são por esse motivo lógicas e bem estruturadas.

No 1.º capítulo, intitulado «*Eclogae Viae vs 74-77*», analisa o A. demoradamente as opiniões de Skutschius que, depois de resolver o problema da autoria do poema «*Ciris*» em favor de Cornélio Galo, sustenta que este poeta teria servido de modelo a Virgílio neste e noutros passos da mesma *Écloga*.

Em campo oposto situa-se F. Leo que recusa a atribuição de «*Ciris*» a Cornélio Galo e atribui a composição deste poema a um autor posterior a Virgílio. Deste modo Virgílio, no passo em discussão, terá sido o imitado e não o imitador. O problema da cronologia de «*Ciris*» recebe assim outra solução, oposta à de Skutschius.

Para poder chegar a uma conclusão, procura Evenhuis determinar a natureza da fábula narrada nos versos citados. Das várias fábulas sobre Cila que circularam na antiguidade, reconhece o A. na obra de Virgílio três versões diferentes, uma que se encontra na *Eneida*, outra nas *Geórgicas* e outra no passo das *Bucólicas* em causa. Reduz-se o problema a saber se Virgílio terá narrado na *Bucólica VI* a fábula pura ou a fábula mista sobre aquela figura mitológica.

Combate Evenhuis a interpretação do poema à luz de ideias preconcebidas, para defesa de uma tese, atitude cara aos espíritos imaginativos que edificam sobre a areia as construções mais fantasistas.

Depois de um exame profundo aos mais variados argumentos conclui o A., a nosso ver com inteira justiça, que a fábula narrada por Virgílio é a fábula mista e que o poema *Ciris* é posterior às *Bucólicas* de Virgílio, absolvendo assim o poeta da acusação de plagiador formulada por Skutschius.

Nada conclui Evenhuis a propósito do autor de *Ciris* mas, de qualquer modo, repudia a autoria de Galo.

O 2.º capítulo, «*Eclogae Viae vs. 78-81*», discute um problema semelhante ao tratado no capítulo anterior. São objecto da discussão os versos 78-81 em que Virgílio narra uma fábula corrente na antiguidade sobre as personagens de Filomela, Tereu, Procne e Ítis. Depois de aludir à diversidade das fábulas existentes sobre estas personagens mitológicas e de analisar com profundidade e argúcia as opiniões sobre a matéria de vários comentadores, entre os quais Sérvio e Probo, o A. conclui com segurança que a fábula narrada por Virgílio é a que se pode designar pelas palavras *Philomela — mater — luscinia*.

Esta conclusão confirma a opinião de Evenhuis, já expressa no 1.º capítulo, de que os poetas antigos gozavam de inteira liberdade no tratamento das fábulas que lhes fornecia a mitologia, alterando-as a seu gosto em novos arranjos artísticos.

O 3.º capítulo, «*De Cornelio Gallo*», é dedicado inteiramente à figura deste grande poeta que viveu uma vida acidentada, cheia de episódios espectaculares, que conheceu o sabor da glória e da desgraça e recebeu da posteridade o prémio do esquecimento.

Refere Evenhuis o pouco que se sabe da sua vida e da sua obra, aponta as causas prováveis da sua morte, nota o que há de dramático na vida de Galo, a inconsciência da sua natureza, a sua falta de unidade moral, a dualidade dos interesses que o suscitavam: a carreira das honras, a gloria literária.

Nota o prejuízo que adveio à sua obra da frustração da sua vida pública (a «damnatio memoriae»).

Presume o carácter confessional da sua poesia e investiga as influências gregas que terá sofrido. Muito embora se possa admitir como provável a presença de elementos bucólicos nas elegias de Galo, Evenhuis sustenta com argumentos bem fundados que Virgílio é o primeiro poeta latino a compor poesia bucólica à imitação de Teócrito.

No final deste capítulo Evenhuis faz a resenha completa do que resta da obra de Galo.

Intitula-se o último capítulo desta obra «Quomodo uelim Eclogam sextam ex se ipsa interpreteris». Nele põe o A. em prática a sua intenção, já anteriormente manifestada, de interpretar por si própria esta Bucólica de Virgílio, caminho a que conduzem naturalmente as conclusões tiradas nos capítulos anteriores. O fim proposto torna esta parte do trabalho mais atraente e sugestiva.

Começa Evenhuis por assinalar a beleza do quadro inicial, notável pela força realista da representação: Sileno surpreendido na caverna.

De passagem são mencionadas a variedade, beleza e riqueza de sugestões que existem nas narrativas de Sileno.

Frisa depois a «vis» simbólica da figura de Sileno, essencial na construção da Bucólica. A ideia de um pretense epicurismo de Virgílio, deduzido dos versos VI, 31-40, por autores como Skutschius, Leo, L. Herrmann, etc. presta-se muitíssimo a discussão. A este propósito Evenhuis conclui com as palavras de Jachmann referentes a estes versos, transcritas da p. 292 do livro «Vergilss echste Ekloge»:

«Vielmehr ist es in seinem von dichterischen Gesichtspunkten beherrschten philosophischen Eklekticismus ein ganz persönliches Produkt».

Combate depois a interpretação de Skutschius que vê em Sileno uma representação de Galo, mostrando quantos prodígios de habilidade e imaginação são necessários para manter de pé esta teoria.

Igual valor possui a tentativa feita por L. Herrmann de identificação das personagens desta Bucólica com figuras reais do tempo de Virgílio. Mostra-se efectivamente inaceitável a identificação de Sileno com Parténio de Niceia, suposta origem de toda a matéria poética de Virgílio, teoria não menos complicada e frágil que a de Skutschius.

Acresce ainda a teoria de D. Némethy que propõe a obra de Euforião, imitador de Hesíodo, como a fonte verdadeira dos temas tratados na Bucólica VI.

Perante tão variadas e discutíveis interpretações soam justas as palavras de Jachmann, mais uma vez citado:

«Das sind alles willkürliche Annahmen, im übrigen ist all diesen Vorschlägen das gemeinsam, dass sie den Einigungspunkt, auf den die Mythen bezogen werden, ausserhalb des Gedichts suchen».

Discute depois Evenhuis o género das fábulas apresentadas na Bucólica VI: «metamorphoses et amatorias narrationes», nas quais se insere o elogio de Galo, classificado por Jachmann de «corpo estranho» que testemunha da ousadia artística de Virgílio.

Examina a seguir o problema da identificação de Varo, a quem a Bucólica é dedicada, e defende a sua interpretação do motivo que terá levado Virgílio a citar pelo nome Cornélio Galo.

Aborda entretanto outras questões: a Bucólica X; a origem do género bucólico.

Judiciosa se nos afigura a sua observação de que a discussão das origens não deve prejudicar a interpretação directa da Écloga nem levar-nos a descurar os seus valores próprios e autênticos. É evidente que a obra dum autor deve necessariamente aos seus antecessores mas esta constatação não deve cegar o investigador para a visão mais importante dos valores acima referidos.

Quanto à pretensa negligência das transições, de que fala Cartault, na apresentação das fábulas, Evenhuis louva, pelo contrário, a rapidez empolgante desta apresentação e a variedade admirável que o poeta soube imprimir-lhe. Fica assim salva a unidade da Bucólica, posta em dúvida.

A terminar, o A. faz um breve resumo das conclusões mais importantes do seu trabalho. Citando-as, damos fim a esta recensão:

«In fabulis describendis ab aliis alia mutuatus est uel aliquos uersus e carminibus laudauit unius uel alterius poetae. Sic igitur Eclogam sextam non exemplum existimare possumus poesis omnino purae. Sed selectio atque expositio fabularum Vergilii est atque eclogae quoque totius conformatio Vergilio debetur» (p. 53).

«Si quis rogat, curnam Gallus in mediis fabulis commemoretur, respondeo Gallum Vergilio uisum esse poetam eximium, qui tales fabulas carminibus suis insuerit, quique ob eam rem dignissimus fuerit qui commemoraretur» (p. 53).

«Inter Silenum quoque eiusque omnes narrationes mythicus poeticusque contextus constat, qui nemini alii nisi Vergilio debetur» (pp. 53-54).